

Educação, Inovação e Sustentabilidade na Pesquisa Aplicada

## Relato de Experiência

### O papel do orientador educacional na identificação dos comportamentos de desengajamento moral discente

**Erika Cremiato Lippe**  
0009-0009-5267-2582

**Prof.<sup>a</sup> Dra. Neide de Brito Cunha**  
0000-0003-4945-4495

#### Resumo

Este artigo tem como objetivo identificar qual dos mecanismos de desengajamento moral são mais utilizados pelos estudantes, com base na vivência do professor coordenador de projetos responsável pela orientação e apoio educacional. Trata-se de um relato de experiência de uma docente que atua na área de educação técnica, com estudantes de idades entre 14 e 18 anos, os quais realizam seus estudos nos períodos letivos da manhã, tarde e integralmente. Esses alunos adquirem a qualificação em uma área técnica, bem como o diploma de ensino médio. Intencionou-se neste estudo relacionar comportamentos agressivos com o construto de Albert Bandura (1977), precursor da Teoria Social Cognitiva, denominado Desengajamento Moral. Dessa forma, conhecendo, convivendo e vivenciando as posturas afrontosas, elas foram associadas aos oito mecanismos de desengajamento moral propostos pelo pesquisador, destacando-se que as posturas analisadas foram impetradas entre pares. O relato tem como cenário de observação uma unidade de ensino técnico em uma cidade do estado de São Paulo, com cerca de 500 estudantes matriculados nos períodos analisados. Os dados obtidos são frutos da experiência profissional da autora que exerce a função de orientadora educacional, nessa mesma instituição, ao longo de 04 anos e que atende diretamente aos estudantes envolvidos nessas práticas nocivas, como parte das atividades de seu ofício diário. Os resultados dessa vivência apontam que os alunos do sexo masculino colocam mais em prática o desengajamento moral se comparados com as estudantes, bem como os mecanismos de desengajamento moral mais utilizados por eles são os denominados deslocamento e difusão da responsabilidade, bem como atribuição de culpa à vítima. Acredita-se que essa análise pode ser um caminho para indicar quais as práticas educacionais restaurativas são as mais adequadas para conscientizar, bem como cessar esses comportamentos prejudiciais ao convívio saudável dos estudantes, uma vez que cabe às instituições de ensino a função de transmitir e perpetuar posturas de respeito, equidade, éticas e moralmente comprometidas entre todos os membros da sociedade.

**Palavras-chave:** Ensino técnico, teoria social cognitiva, desengajamento moral, orientador educacional.

#### Abstract

This article aims to identify which of the moral disengagement mechanisms are most used by students, based on the experience of the project coordinator teacher responsible for guidance and educational support. This is an experience report from a teacher who works in technical education, with students aged between 14 and 18, who carry out their studies in the morning, afternoon and full school periods. These students acquire qualifications in a technical field, as well as a high school diploma. This study intended to relate aggressive behaviors with the construct of Albert Bandura (1977), precursor of the Social Cognitive Theory, called Moral Disengagement. In this way, knowing, coexisting and experiencing the affronting postures, they were associated with the eight mechanisms of moral disengagement proposed by the researcher, highlighting that the postures analyzed were committed between peers. The report has as its observation scenario a technical education unit in a city in the state of São Paulo, with around 500 students enrolled in the periods analyzed. The data obtained are the result of the professional experience of the author who works as an educational counselor at the same institution for four years and who directly serves students involved in these

harmful practices, as part of her daily job activities. The results of this experience indicate that male students put moral disengagement into practice more when compared to female students, and the moral disengagement mechanisms most used by them are called displacement and diffusion of responsibility, as well as attribution of blame to victim. It is believed that this analysis can be a way to indicate which restorative educational practices are the most appropriate to raise awareness, as well as to stop these behaviors that are harmful to the healthy coexistence of students, since it is up to educational institutions to transmit and perpetuate attitudes of respect, equity, ethics and moral commitment among all members of society.

**Keywords:** Technical teaching, social cognitive theory, moral disengagement, educational counselor.

## 1 Introdução

As teorias do instinto postulam que a agressividade é uma resposta inata, natural em todos os seres e que ela evoluiu até sua condição atual, por meio da luta pela sobrevivência. Já Bandura (1977) posiciona-se por meio de sua teoria da aprendizagem social que a agressividade é um padrão de resposta adquirido por meio de reforço e de modelação.

Conforme aponta a Teoria Social Cognitiva (TSC), humanos produzem um grupo de padrões morais ao serem apresentados a modelos dentro de processos de aprendizagem social. Tais modelos podem advir de uma série de fontes e pertencerem a diferentes áreas da vida, tais como, círculos sociais, cultos religiosos, e figuras públicas que vão de políticos a influenciadores digitais. Nesse processo de modelação, os indivíduos aprendem um grupo de padrões morais que no momento oportuno assentam a orientação do que é adequado ou não nas suas interações sociais (BANDURA; AZZY, 2017).

Há diversos recursos psicológicos por meio dos quais as autossanções morais podem ser variavelmente desengajadas. O desengajamento moral permite aos indivíduos, uma reorganização cognitiva de sua postura amoral, transformando suas condutas errôneas em aceitáveis. Na TSC o raciocínio moral, ou ainda *self* moral está ligado à conduta moral por meio de ferramentas regulatórias, pelas quais a agência moral é representada (BANDURA, 1991).

Têm-se, de acordo com Bandura, Azzi e Tognetta (2015), oito mecanismos por meio dos quais os desengajamentos morais são utilizados, que são acionados pelo autor da violência seletivamente, de acordo com a necessidade de se desculpabilizar pelo dano cometido. Nesse processo de justificar-se moralmente, o dano impetrado é revertido para uma ação moralmente aceitável, e torna-se uma postura socialmente válida, deixando de ser amoral, e transfigurando-se em ato moralmente aceitável. Os oito mecanismos de desengajamento moral são: justificativa moral; linguagem eufemística, comparação vantajosa, deslocamento da responsabilidade, difusão da responsabilidade, minimização, ignorância; ou distorção das consequências, desumanização da vítima; atribuição de culpa. De acordo com Iglesias (2008), as descrições e exemplos dessas condutas estão descritas a seguir.

A justificativa moral ocorre quando o que é culpável pode se tornar uma conduta pessoal e socialmente adequada, através de uma reconstrução cognitiva que representa a conduta antissocial. Exemplo: "Não há problemas em bater em alguém quando sua honra é ameaçada" (p. 169).

Já a comparação vantajosa se dá quando condutas malélicas passam a ter uma consequência pequena, ao se comparar com posturas ainda mais danosas do

que as perpetradas pelo autor. Exemplo: "Não há mal em insultar um colega, porque bater nele seria pior" (p. 170).

Linguagem eufemística é uma prática de sanitização, limpeza de linguagem há uma suavização da atitude repulsiva ao nomear essa com expressões que minimizam a gravidade do dano, ou atribui-lhe uma condição melhor aceita socialmente. Exemplo: "Dar tapas e empurrões em alguém é só uma forma de brincadeira" (p. 169-170).

Minimização, ignorância ou distorção das consequências é perpetrado quando as pessoas acreditam estar prejudicando o outro em nome de um bem maior, pode ser associada a premissa de que os fins justificam os meios, assim negando que tal atitude causa dano. Esse mecanismo permite ao autor evitar defrontar-se com a realidade ou negar sua atitude. Exemplo: "As crianças não se importam de serem caçadas, porque isso mostra que elas estão recebendo atenção" (p. 171).

A desumanização que acontece quando se retiram das vítimas suas qualidades humanas ou ainda se atribuem a essas características execráveis. Exemplo: "Alguém que é desagradável não merece ser tratado como um ser humano" (p. 171).

No tocante ao mecanismo de atribuição de culpa pode ser definido como a postura de enxergar a si própria como sendo uma vítima, sem culpa de ter inferido danos, estas pessoas julgam-se pressionadas a agir de forma nefasta por uma provocação forçada, ou ainda, transformar as verdadeiras vítimas como sendo culpadas e dignas dessas posturas funestas. Exemplo: "Se as pessoas são descuidadas com seus pertences, então a culpa é delas se forem roubadas" (p. 171-172).

Por fim há os mecanismos de deslocamento de responsabilidade que remete à ideia de que outras pessoas estão agindo na mesma intenção. Exemplo: "Se uma criança está vivendo sob más condições, ela não pode ser culpada por se comportar agressivamente" (p. 170). E a difusão de responsabilidade ocorre quando os algozes percebem suas ações como se estivessem advindo de pressões sociais ou de inferências de outrem, desconsiderando que na verdade são pessoalmente responsáveis pelos danos causados. Exemplo: "As crianças não podem ser culpadas por falar palavrão quando todos os seus amigos o fazem" (IGLESIAS, 2008, p. 170-171).

No desenrolar da trajetória humana, atos moralmente condenáveis são cometidos e justificados como sendo honestos e genuínos. Esse conjunto de ações perversas afastam a humanidade dos reais princípios éticos, solidários, fundamentais para a formação integral de todos os jovens. Para Delors (1998) cabe à escola incentivar a cultura da paz, a resolução dos conflitos deve acontecer de forma pacífica, exaltando o conhecimento e respeito ao outro, por meio do desenvolvimento de projetos que fomentem a solidariedade, a cooperação e a importância de uma convivência harmoniosa entre todos. Aprender a ser constitui-se um dos quatro pilares da educação segundo o relatório Delors (1998) e esta é premissa fundamental para o desenvolvimento integral do aluno, que é consciente de seus compromissos morais para com a sociedade em geral.

Sabe-se que no ambiente escolar fervilham conflitos, visto este ser um espaço de relações humanas, desta forma, posturas agressivas proliferam quase que como uma consequência natural da convivência, no entanto essas posturas são na verdade uma forma de desrespeito, violência repetida, intencional, sofisticada e humilhante, a qual precisa ser refletida no campo da moral

(TOGNETTA; DAUD, 2018). Os humanos têm inclinação biológica para atitudes agressivas, porém a resposta a essas posturas estão ancoradas muito mais na ideologia do que na biologia (BANDURA; AZZY, 2017). Ao orientador educacional cabe então compreender como são impetrados esses comportamentos para que os conhecendo possa mediar, orientar e guiar os estudantes para a reflexão.

A pesquisadora vem, durante anos, buscando sua identidade real no campo escolar. Nos tempos mais remotos, o orientador educacional era visto como orientador vocacional, tendo como função auxiliar os alunos na busca de sua carreira e qualificação profissional. Esse também já foi visto como psicólogo, pois era dele a função de atender os “alunos-problema”, bem como aplicador de punição. Porém, no início da década de 1980, os Orientadores Educacionais começaram a deixar suas funções, psicológicas, vocacionais, e passaram a discutir sobre seu papel de formador. Finalmente, ao compreender a educação como sendo libertadora, integral e efetiva, aos poucos começou a se vislumbrar no horizonte a real função deste, como um agente de dimensão significativa no processo pedagógico, capaz de promover o desenvolvimento integral do estudante, somando-se a isto a importância de servir aos compromissos sociais da educação, bem como proporcionar um ambiente educacional seguro, conforme aponta Lück (2011).

Constantino, Azevedo e Menino, (2020) pontuaram que a função do Professor Orientador Educacional se deslocou para ações efetivas na elaboração e execução do projeto pedagógico da escola, na realização das aprendizagens discentes, na conscientização dos direitos do outro, bem como na convivência harmônica, saudável e pacífica dentro e fora das unidades de ensino. Diante dessas colocações percebe-se que esse profissional tem um compromisso no desenvolvimento moral de seus discentes, preparando-os para o mundo do trabalho e o pleno desenvolvimento humano.

## **2 Objetivo**

Identificar qual dos mecanismos de desengajamento moral são mais utilizados pelos estudantes, com base na vivência do professor coordenador de projetos responsável pela orientação e apoio educacional.

## **3 Método**

Foi elaborada uma análise documental para a elaboração deste relato de experiência por meio das anotações do diário de bordo da pesquisadora. Participaram desta análise 525 alunos de ensino médio com habilitação em diferentes áreas técnicas, sendo 252 meninos e 273 meninas, com idades de 14 a 17 anos, matriculados em uma escola técnica estadual de São Paulo. Os participantes foram selecionados por conveniência, de acordo com as ocorrências registradas no sistema de gestão acadêmica, feitas por docentes diversos, as quais versavam sobre comportamentos ofensivos, desrespeitosos, afrontosos entre os pares discentes. Esses registros ocorreram durante o primeiro semestre do ano de 2023, a partir da segunda quinzena de fevereiro, até a primeira quinzena de julho.

Papalia e Feldman (2013) pontuam que o cérebro do adolescente, diferentemente do que se acreditava anteriormente não está totalmente pronto, conforme apontam estudos de imageamento, ele é uma obra que ainda está a ser construída. Mudanças nas estruturas que definem as emoções, comportamentos, julgamentos, autocontrole acontecem da puberdade ao início vida adulta. Essa

imaturidade do desenvolvimento cerebral pode apontar um caminho para explicar os motivos de essa faixa etária se envolver em situações de conflito tão constantemente, na qual os sentimentos se sobrepõem à razão levando-os a escolhas insensatas. Este estudo se dá com este público-alvo, apesar de estudantes de outras idades frequentarem o ambiente escolar, pois notadamente os atendimentos da orientação educacional em relação às posturas de desengajamento moral entre pares neste lócus de estudo ocorre 90% com essa população.

Feito o registro, a Orientadora Educacional convidava os discentes envolvidos para uma conversa a qual objetivava a compreensão dos fatos, além de orientá-los para um caminho mais retilíneo, o qual tem como premissa o respeito mútuo. Ao indagar os discentes sobre o que havia ocorrido, a pesquisadora realizava a anotação em um diário de bordo da fala dos estudantes para posteriormente analisar quais os mecanismos de desengajamento moral eram utilizados por eles.

#### **4 Resultados e Discussão**

Ao menos semanalmente ocorrem situações de desengajamento moral envolvendo os pares discentes. Quando elas acontecem, os alunos são enviados para o Serviço de Orientação Educacional (SOE), pelos docentes, equipe gestora, funcionários, ou ainda procuram espontaneamente o atendimento, a fim de que relatem os fatos ocorridos, bem como possam ser ouvidos, orientados e corrigidos. Esses estudantes fazem os relatos da ocorrência inicialmente de maneira verbal e num segundo momento por escrito. A partir da incidência frequente dessas situações a autora passou a redigir um diário de bordo com detalhes das situações para buscar um entendimento de como isso ocorre, para então classificar os mecanismos de desengajamento moral.

O presente estudo indicou que os garotos se desengajam moralmente em maior escala do que as meninas, exceto nas situações virtuais de agressão, pois nesta última a proporção é a mesma entre os gêneros. Corroborando com essa afirmação, a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) de 2015 pontuou que, numa amostra de 102.301 alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, 19,8% admitiram ter praticado alguma violência contra os pares na escola, e entre os estudantes do sexo masculino essa prática foi admitida por 24,2%, já as meninas 15,6% admitem a ação (Silva *et al.*, 2019).

Foi observado que quando os alunos do sexo masculino relatam seu comportamento, por exemplo atribuindo adjetivos pejorativos a um colega, eles iniciam o relato pontuando a narrativa, ainda que a situação tenha sido impetrada de forma individual, utilizando como o sujeito frasal pronomes, substantivos no plural. É comum a fala “A gente xingou ele porque ele começou a me provocar”, no entanto as testemunhas relatam que não houve provocações, bem como não foi “a gente” que cometeu a violência e sim um aluno isoladamente, percebendo-se dois mecanismos diferentes de desengajamento moral, difusão de responsabilidade, como se o desrespeito houvesse sido cometido de forma coletiva e atribuição de culpa à vítima, visto que o autor busca evidenciar que sua ação amoral foi cometida por culpa do outro.

Ocorreram também danos a objetos do outro, objetos variados que vão desde material escolar, a objetos de uso pessoal. Ao trazer os alunos responsáveis para conversarem sobre a situação, os meninos raramente assumem a culpa de

prontidão, diferentemente das meninas, que geralmente afirmam: “Eu errei, foi sem querer, posso trazer outro igual para o colega”, ou ainda, “eu posso me desculpar, vou repor o que danifiquei”. Garotos têm por hábito dizer que não quebraram nada, que o objeto se desfez espontaneamente, atribuindo a culpa até mesmo a seres inanimados, como o vento, o que aponta mais uma vez para a difusão da responsabilidade.

Não com frequência, há casos de agressão física, de acordo com minha vivência, todos cometidos por garotos, exclusivamente. Essas violências são geralmente descritas pelo autor como sendo uma simples reação, após a verdadeira vítima ter feito algo contra ele. Geralmente, nesses casos extremos há imagens da situação e ao verem as imagens os jovens agressores dizem que agrediram porque a vítima lhes disse, ou lhes fez algo que os desagradou ou os agrediu e, portanto, estavam se defendendo de algo. Mesmo ao serem questionados pela orientadora sobre o fato de o comportamento ser errado, eles não conseguem visualizar os danos da atitude ao outro, e se distanciam totalmente de qualquer sentimento de reflexão sobre o ato.

Com o uso frequente das redes sociais pelos adolescentes, ocorrem muitas posturas irrefletidas neste ambiente, as quais foram inicialmente geradas no âmbito escolar. Tornar público imagens de colegas em situações delicadas e acrescentando legendas ofensivas a ela, desenvolver páginas públicas com conteúdo que denigrem o outro são comportamentos que crescem bastante. Nessa situação, em especial, as atitudes são cometidas de forma proporcional entre garotos e garotas. Destaca-se que virtualmente é a forma que as meninas mais atuaram de forma desrespeitosa, movidas possivelmente por um sentimento de não autoria, supondo ainda, que não seriam identificadas nessas ações, conforme elas apontaram em suas falas.

Quando os discentes são levados a relatarem os motivos pelos quais cometeram as violências virtuais, eles seguem a tendência de culpar a vítima, como o fizeram nas situações presenciais. Indagados sobre os motivos de terem tornado pública uma foto constrangedora, eles responderam que apenas capturaram a imagem, e “postaram”, porém, quem estava figurando era o verdadeiro culpado, objetivando demonstrar que o mártir é o transgressor da situação. Ainda que apontado pela autora o fato de que estavam desconsiderando a privacidade, bem como o contexto da foto, os autores diziam que estavam “zoando” o colega, visto que isto era normal, e tudo mundo fazia isso também na sala, utilizando-se assim da difusão da responsabilidade, o algoz atribui a um comportamento social coletivo a razão da má conduta.

Infere-se que após as ocorrências, depois do pronunciamento de todos os envolvidos, uma vez que é assegurado aos discentes o direito de dar sua versão, justificar-se, defender-se, amplamente, a orientação educacional busca por meio do diálogo, da escuta, da reflexão, um caminho de práticas restaurativas. A punição não é o norte das ações da autora deste estudo, de forma alguma, o objetivo é guiar os envolvidos para uma aprendizagem social, que os leve para uma reflexão e mudança de posturas. As prescrições realizadas com os discentes que cometem os desengajamentos são geralmente associadas às práticas do mundo do trabalho, lembrando-os que eles estão desenvolvendo a sua formação acadêmica na área técnica e destacando, ainda, a importância das posturas moralmente comprometidas.

Os alunos que passam pelos processos de orientação educacional não tendem a repetir os mesmos comportamentos. Após a conversa com os discentes,

bem como com os seus responsáveis, há uma tendência de extinção do desengajamento que foi cometido outrora. O que se notou neste estudo não é prudente generalizar para outras instituições, pois uma série de fatores podem modificar esse resultado visto que os alunos têm perfis pontuais opostos a quaisquer formas de hierarquia e que, somando-se a isto, contam com o reforço familiar em relação aos desengajamentos, mais especificamente dois estudantes não mudaram o comportamento, mesmo após várias conversas, e medidas socioeducativas impetradas pela direção da unidade escolar. Os demais, ou cessam completamente o comportamento inadequado, quantificando-se um percentual de oitenta por cento e não mais voltam a repetir a postura inadequada. Uma parcela menor acaba por cometer uma forma diferente de violência, que também após o atendimento da orientação educacional, costuma findar-se.

## 5 Considerações finais

Existe uma gama de variedades intraculturais na hostilidade dos discentes, que se caracteriza pela diferença de costumes, valores, crenças e oportunidades. Acrescenta-se que essa variedade de perfis precisa conviver de forma pacífica no ambiente escolar, no entanto essa diversidade de formas acaba por criar conflitos, que podem se tornar oportunidades de crescimento se forem mediados, orientados, solucionados de maneira que ocorra uma aprendizagem social, modificando o *self* moral dos envolvidos nessas hostilidades.

Como os dados coletados neste estudo foram obtidos por meio de um diário reflexivo, julga-se ser pertinente uma reflexão sobre este processo de análise dos comportamentos discentes. Conforme relatou-se os alunos aplicam formas de se desengajarem dos comportamentos danosos que perpetraram e essas posturas tendem a se manifestarem mais ou menos nos ambientes que estão sob supervisão de determinados docentes. Há uma repetição ou ausência de comportamentos nefastos, dependendo de quem é o adulto responsável pelo ambiente no momento em que culminou a violência. Essa constatação sugere que a postura do docente pode ser um facilitador ou impeditivo dos comportamentos desengajadores. Sugere-se que esse viés da temática seja mais desenvolvido e analisado em outro estudo à luz dos preceitos de Albert Bandura.

Apontou-se ainda neste relato que os três mecanismos de desengajamento moral mais utilizados pelos estudantes foram em ordem de uso: atribuição de culpa à vítima, deslocamento e difusão de responsabilidade. Os autores da violência não conseguem se perceber como sendo os perpetradores, sendo assim, o caminho para que exista uma reflexão em relação a essa postura, bem como a retratação deve partir do reconhecimento de autoria da violência. Cabe então ao orientador educacional elucubrar em conjunto com os discentes a reflexão sobre a situação.

Resguardados os pontos fortes deste estudo, destaca-se que seus resultados devem ser analisados à luz de algumas limitações. Primeiramente, a amostra reduzida, bem como o fato de ela estar inserida em um único lócus. Em segundo lugar o risco de viés e qualidade metodológica tendo em vista a relação da pesquisadora com os estudantes.

Sabe-se que é possível fazer com que o agressor de hoje torne-se o pacifista de amanhã. Essa transformação é possível de iniciar-se por meio do conhecimento e compreensão dos mecanismos pelos quais ocorrem as práticas de desengajamento moral no interior das unidades escolares. Classificar as atitudes agressivas dos discentes por meio dos oito mecanismos de desengajamento moral

é o primeiro passo para iniciar o entendimento dessa situação, para que posteriormente reverta-se o cenário atual.

## Referências

BANDURA, A. **Social Learning Theory**. New York, General Learning Press, 1977.

BANDURA, A. Social Cognitive Theory of Moral Thought and Action. *In*: KURTINES, W. M.; GEWIRTZ, J. L. (eds.). **Handbook of moral behavior and development**. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1991. Vol. 1. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/326633890/BANDURA-Albert-1991-Social-Cognitive-Theory-of-Moral-Thought-and-Action>. Acesso em: 31 ago. 2023.

BANDURA, A.; AZZI, R. G. **Teoria Social Cognitiva: diversos enfoques**. Campinas: Mercado de Letras, 2017.

BANDURA, A.; AZZI, R. G.; TOGNETTA, L. P. **Desengajamento Moral: teoria e pesquisa a partir da Teoria Social Cognitiva**. Campinas: Mercado de Letras, 2015.

CONSTANTINO, P. R. P.; AZEVEDO, M. M.; MENINO, S. E. Orientação educacional nas escolas técnicas estaduais de São Paulo: inserção, atribuições e contexto de atuação. **Plurais Revista Multidisciplinar**, Salvador, v. 5, n. 1 p. 285-304, jan/abr. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/plurais/article/view/9081/6054>. Acesso em: 04 set. 2023.

DELORS, J. et al. **Educação: um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Séc. XXI. 1998. Disponível em: [http://dhnet.org.br/dados/relatorios/a\\_pdf/r\\_unesco\\_educ\\_tesouro\\_descobrir.pdf](http://dhnet.org.br/dados/relatorios/a_pdf/r_unesco_educ_tesouro_descobrir.pdf). Acesso em: 03 ago. 2023.

IGLESIAS, F. Desengajamento moral. *In*: BANDURA, A.; AZZI, R. G.; POLYDORO, S. (org.). **Teoria Social Cognitiva: conceitos básicos** Porto Alegre: Artes Médicas, 2008. p. 165-176.

LÜCK, H. **Planejamento em Orientação Educacional**. 22. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano**. 12 ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

SILVA, J. L.; OLIVEIRA, W. A.; MELLO, F. C. M.; PRADO, R. R.; SILVA M. A. I.; MALTA, D. C. **Prevalência da prática de bullying referida por estudantes brasileiros: dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar**, 2015. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 2019.

Disponível

em:

<https://www.scielo.br/j/ress/a/MGVppMs3tCxZ8GbwCMXrtky/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 04 set. 2023.

TOGNETTA, L. R. P; DAUD R.P. Formação docente e superação do bullying: um desafio para tornar a convivência ética na escola. **Perspectiva – Revista do Centro de Ciências da Educação**, v. 36, n. 1, p. 369-384, 2018. Disponível em:

[https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-](https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2018v36n1p369/pdf)

[795X.2018v36n1p369/pdf](https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2018v36n1p369/pdf). Acesso em: 04 set. 2023.